

## Capítulo 12

# Fidelidade de voto e mobilidade eleitoral em Portugal

### Introdução

Ao analisar o comportamento eleitoral nas democracias ocidentais vários autores evidenciaram a passagem da substancial estabilidade que caracterizou os alinhamentos partidários até ao começo da década de 70 para uma crescente instabilidade dos eleitorados (Crewe e Denver 1985; Dalton, Flanagan, e Bell 1984). Este processo foi interpretado como o começo de uma nova época, caracterizada pela maior mobilidade eleitoral e independência dos indivíduos, cada vez mais livres dos condicionamentos sociais e culturais responsáveis, em grande medida, pela «ancoragem» do voto.

O aumento da volatilidade e a maior instabilidade dos eleitorados deram origem à elaboração de diferentes teorias para explicar as flutuações eleitorais a nível individual. Uma primeira resposta ao problema da volatilidade encontra-se no paradigma sócio-psicológico (Campbell *et al.* 1960; Converse 1964). Partindo da importância das lealdades partidárias na explicação do comportamento eleitoral, os autores que adoptaram esta abordagem consideram o voto de «opinião» como a consequência da ausência de laços estáveis entre eleitores e partidos e, mais em geral, do desinteresse e desconfiança dos indivíduos em relação à acção dos partidos. Neste caso a instabilidade eleitoral conota-se com uma apatia que caracteriza os eleitores mais periféricos, mais susceptíveis de serem influenciados durante as campanhas eleitorais através de uma elevada exposição aos meios de comunicação e da acção persuasiva dos actores políticos.

O segundo paradigma analisa o fenómeno da volatilidade eleitoral segundo uma perspectiva diferente. Neste caso a instabilidade eleitoral não é o resultado da falta da identificação partidária mas tem origem nos maiores recursos à disposição dos eleitores, incentivando a flutuação dos indivíduos. Inglehart (1977) e Dalton (1984) são os autores mais representativos desta abordagem através dos estudos sobre a mobilização cognitiva. Segundo este paradigma, os

eleitores mais voláteis são caracterizados por uma maior sofisticação política, são os mais bem informados e apresentam um nível de conhecimento superior ao eleitor «médio». Neste sentido, o capital educacional mais elevado e a maior disponibilidade de fontes de informação atribuem aos indivíduos recursos sociais e políticos que favorecem uma maior liberdade e capacidade de escolha. Quando estas características se combinam com um elevado interesse pela política o nível de mobilização cognitiva dos eleitores é elevado, tornando assim desnecessária a intermediação dos partidos políticos (Dalton 1984, 267-268). Segundo esta abordagem, são portanto os indivíduos que se encontram numa posição central na sociedade os que oscilam mais facilmente nas opções de voto entre uma eleição e outra. Neste sentido, os eleitores voláteis apresentam geralmente um nível de educação mais elevado e pertencem às faixas etárias mais novas, manifestando uma maior instabilidade nos alinhamentos e nas preferências político-partidárias.

Apesar de serem elaboradas a partir da experiência das democracias avançadas, caracterizadas por uma progressiva erosão dos laços estabelecidos entre os eleitores e os partidos políticos e um aumento da instabilidade eleitoral, estas considerações podem aplicar-se facilmente também às democracias mais recentes. No caso português o débil impacto das clivagens tradicionais sobre o comportamento eleitoral parece ter dado origem a um eleitorado *marais* que seria em grande parte responsável pela instabilidade e mobilidade eleitoral (Jalali 2004, 2007). Este conceito evidencia a presença de um eleitorado moderado que oscila sobretudo entre os dois grandes partidos do centro. Segundo uma representação espacial da competição, este eleitorado apresenta uma maior mobilidade em relação aos grupos mais ideologizados da esquerda e da direita, e resulta mais sensível aos factores de curto prazo. Neste sentido, o eleitorado *marais* não é apenas a componente crucial para ganhar as eleições mas também a mais imprevisível e mais difícil de conquistar.

Este trabalho procura analisar a evolução dos movimentos eleitorais em Portugal e as características dos eleitores voláteis, evidenciando os factores explicativos da flutuação eleitoral. Em particular, este estudo procura verificar em que medida as duas abordagens aqui evidenciadas se adaptam ao caso português. O próximo parágrafo analisa as dinâmicas eleitorais da volatilidade eleitoral a nível individual a partir de uma perspectiva longitudinal. As secções sucessivas exploram as características do voto flutuante através dos inquéritos pós-eleitorais realizados no âmbito do projecto CEAPP (Comportamento Eleitoral e Atitudes Políticas dos Portugueses em Perspectiva Comparada) para as eleições legislativas de 2002 e 2005.<sup>1</sup> As conclusões procuram evidenciar os principais factores

---

<sup>1</sup> Neste estudo a percentagem do eleitorado flutuante é construída através das perguntas dos inquéritos sobre a recordação do voto nas eleições mais próximas e nas eleições anteriores (ou considerando as intenções de voto no caso de não serem inquéritos pós-eleitorais). Esta

explicativos da volatilidade eleitoral e o tipo de modelo eleitoral que explica melhor as dinâmicas das flutuações eleitorais no contexto português.

## **A evolução do «mercado» eleitoral em Portugal**

A análise dos índices de volatilidade é útil para evidenciar algumas características do comportamento eleitoral e as dinâmicas dos movimentos eleitorais. A essência da competição interpartidária baseia-se na disponibilidade eleitoral de uma parte mais ou menos ampla do eleitorado para mudar a sua orientação de voto entre uma eleição e outra (Bartolini e Mair 1990). Considerando os índices da volatilidade eleitoral a nível agregado, a característica principal do caso português baseia-se no elevado nível de volatilidade interbloco (Gunther 2004). É importante notar que esta dinâmica se acentua sobretudo a partir de 1995, registando níveis sempre superiores aos 70% das oscilações de voto a nível agregado. A excepção desta tendência é constituída pelas eleições de 1985 em que cerca de 98% da volatilidade total se deve à mobilidade dos eleitores de cada bloco. Estes valores parecem indicar que a volatilidade afecta sobretudo os eleitores do centro, indecisos em relação ao voto entre os dois maiores partidos.

Como os índices de volatilidade a nível agregado não consideram os movimentos eleitorais em direcções opostas que se anulam reciprocamente, é necessário analisar o nível da mobilidade e da disponibilidade eleitoral (Bartolini 1986), considerando as transferências de voto a nível individual. O primeiro indicador mede as oscilações efectivas de voto a nível individual, enquanto o segundo representa a porção do eleitorado que considera a hipótese de votar num partido diferente do que foi escolhido no passado.<sup>2</sup> Enquanto os índices de volatilidade a nível agregado subestimam a mobilidade individual, esta última subestima a disponibilidade eleitoral. Através dos inquéritos de opinião é possível elaborar uma estimativa do eleitorado flutuante e ver qual é a relação entre as mudanças a nível individual e a evolução do sistema partidário.

A estimativa da mobilidade eleitoral em 1980 representa cerca de 7% dos votos expressos, um valor muito baixo devido sobretudo ao facto de não ser

---

percentagem considera os movimentos de voto a nível individual entre os partidos e não das ligações ou áreas de referências (centro-esquerda *vs.* centro-direita). O total do eleitorado inclui apenas os eleitores que exprimiram um voto válido nas duas eleições consideradas, excluindo portanto as transferências entre voto e não-voto.

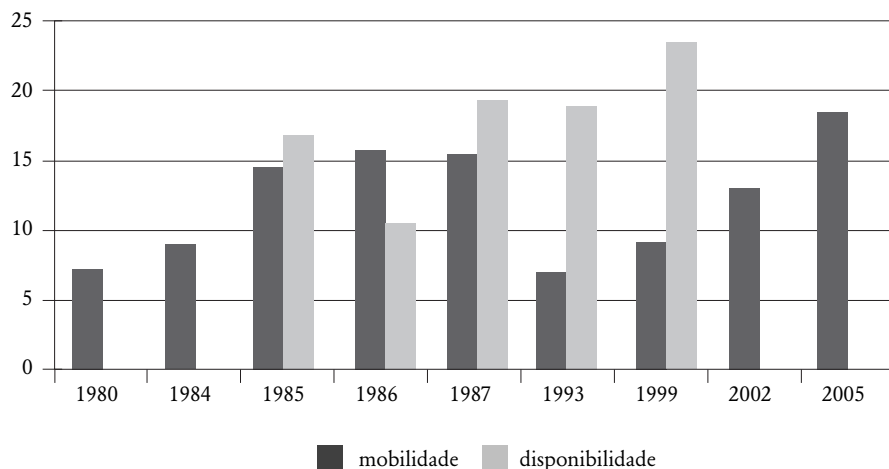
<sup>2</sup> A disponibilidade eleitoral é calculada através da declaração dos indivíduos da possibilidade de mudar o voto expresso no passado em relação a um determinado partido. Como indicador da mobilidade utilizam-se as perguntas sobre a efectiva mudança do sentido de voto entre uma eleição e outra. Para medir a disponibilidade eleitoral considera-se a possibilidade (declarada) de que o eleitor mude a sua escolha eleitoral. Para uma revisão dos problemas metodológicos sobre os indicadores da volatilidade individual, v. Dalton, Mcallister, e Wattenberg (2002).

possível distinguir o movimento dentro da coligação AD. De facto, este valor aumenta progressivamente nas eleições sucessivas e alcança cerca de 15% em meados dos anos 80 (figura 12.1). É neste período que a entrada de um novo partido na competição eleitoral – que altera de forma significativa a oferta partidária – provoca um realinhamento das preferências partidárias. O sinal mais evidente deste realinhamento, que se reflecte no aumento da «porosidade» central (Jalali 2007), é o facto de a mobilidade ultrapassar a disponibilidade eleitoral. Depois deste período de adaptação os valores do movimento eleitoral registam uma redução temporária, para depois subir de forma gradual a partir de 1999, alcançando um valor máximo em 2005 quando 18,6% dos eleitores que exprimiram um voto válido decidiu mudar a opção de voto anterior. Em geral, os índices da volatilidade individual correspondem aos valores a nível agregado, com uma relativa estabilidade dos alinhamentos eleitorais em 1999 e uma subida da flutuação eleitoral nas duas eleições sucessivas. Estes dados permitem avançar uma primeira leitura qualitativa e não apenas quantitativa da volatilidade eleitoral a nível individual. De facto, os valores da mobilidade evidenciam a crescente importância assumida pelo eleitorado instável – ainda maior se considerarmos os movimentos entre voto e não-voto – e pelo peso «político» das oscilações na conquista de maiorias governamentais.

Em relação à disponibilidade eleitoral, se os dados de 1984 e 1986 confirmam um significativo desalinhamento entre a oferta e a procura, o valor dos eleitores disponíveis aumenta a partir de 1987 e alcança mais de 23% em 1999. A diminuição da disponibilidade eleitoral em 1986 reflecte provavelmente a adaptação dos eleitores às mudanças na oferta partidária com a emergência de um novo partido. Todavia, a disponibilidade eleitoral aumenta substancialmente nas eleições seguintes, confirmando portanto os dados da volatilidade a nível agregado que sugerem uma maior «independência» dos eleitores em relação aos partidos. Contudo, esta maior disponibilidade reflecte-se apenas parcialmente nos movimentos eleitorais. Isto significa que há um número considerável de indivíduos que, apesar de manifestar a possibilidade de mudar as preferências de voto, nas eleições opta por se manter fiel a um determinado partido. Em geral, podemos afirmar que durante as últimas décadas houve um crescimento lento mas gradual do eleitorado móvel.

Os índices de volatilidade a nível agregado sugerem que o movimento mais relevante do eleitorado se verifica entre os dois blocos ideológicos. Considerando os dados a nível individual, qual é a relação entre a oscilação eleitoral e o posicionamento dos dois grupos no eixo esquerda-direita? De acordo com os estudos de opinião, a maioria do eleitorado português tende a colocar-se maioritariamente nas posições centrais (entre 4 e 6), enquanto cerca de um terço do eleitorado se posiciona nas faixas mais extremas. O primeiro dado que emerge da figura 12.2 confirma a orientação moderada da maioria do eleitorado que participa nos actos eleitorais. É este eleitorado que é em grande

Figura 12.1 – Mobilidade e disponibilidade eleitoral em Portugal, 1980-2005



Nota: os índices de volatilidade individual foram obtidos a partir de Freire *et al.* (2005).

medida responsável pelas oscilações de voto, com mais de 40% dos eleitores flutuantes que se colocam no centro do espectro ideológico.<sup>3</sup> Este facto leva portanto a recusar a hipótese da falta do posicionamento ideológico do eleitorado volátil, como os primeiros estudos sobre a volatilidade pareciam indicar (Campbell *et al.* 1960). De facto, apenas uma minoria do eleitorado «instável» rejeita colocar-se na escala ideológica (cerca de 2% e 8% nas eleições de 2002 e 2005, respectivamente). Em conclusão, também os eleitores flutuantes se reconhecem no eixo esquerda-direita, apesar de se colocarem num território ideologicamente «neutro», constituído pelo centro ideológico, ou seja, o espaço principal disputado pelos dois maiores partidos. Estas considerações parecem confirmar a hipótese do eleitorado *marais*, que oscila entre os dois blocos ideológicos. As secções sucessivas procuram traçar o perfil deste eleitorado e evidenciar as causas da flutuação eleitoral.

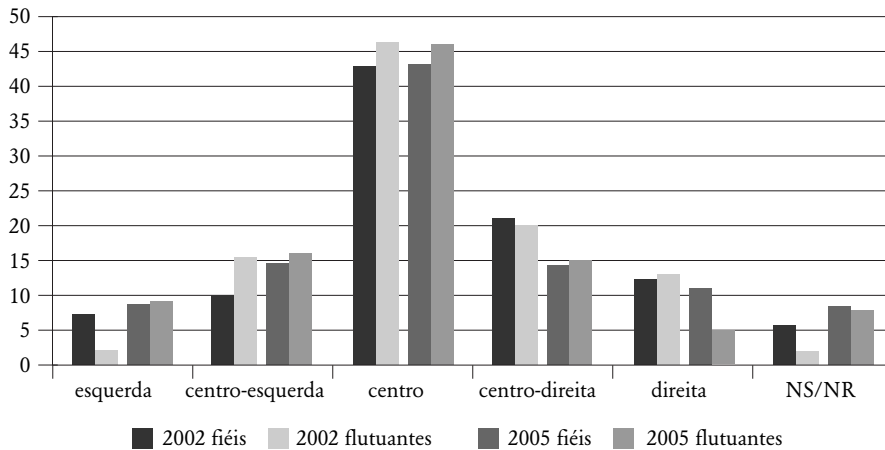
## O perfil dos eleitores flutuantes

A análise do perfil do eleitorado volátil é elaborada a partir do inquérito pós-eleitoral realizado por ocasião das eleições legislativas de 2005.<sup>4</sup> A contra-

<sup>3</sup> Segundo os inquéritos analisados, as transferências de voto entre os dois principais partidos do centro corresponde a cerca de 47% da mobilidade efectiva nas eleições de 2002, enquanto nas eleições seguintes a estimativa desce para cerca de um terço dos movimentos a nível individual.

<sup>4</sup> As considerações desenvolvidas nesta secção aplicam-se também, em grande medida, às eleições de 2002. Todavia, devido ao número reduzido dos casos é estatisticamente irrelevante analisar as distribuições de frequências dentro do universo dos eleitores flutuantes.

**Figura 12.2 – Colocação ideológica do eleitorado flutuante nas eleições de 2002 e 2005 (%)**



*Nota:* as categorias são construídas da seguinte forma: 0-1: esquerda; 2-3: centro-esquerda; 4-5-6: centro; 7-8: centro-direita; 9-10: direita.

*Fonte:* CEAPP 2002 e 2005.

posição entre o grupo de eleitores estáveis e voláteis é feita através da análise de dois tipos de variáveis: enquanto as variáveis sócio-demográficas permitem analisar a integração social e a «centralidade» ou não dos eleitores flutuantes, as variáveis políticas evidenciam importantes aspectos atitudinais que podem influenciar de forma relevante o comportamento eleitoral.

Na caracterização social não emergem diferenças significativas entre o eleitorado estável e o eleitorado flutuante. Em primeiro lugar, a hipótese da «centralidade *vs.* marginalidade» sugere que a probabilidade de encontrar eleitores voláteis é maior nas mulheres do que nos homens. Os dados não sustentam plenamente esta hipótese, sendo a diferença a favor do eleitorado feminino apenas de cerca de 2% (quadro 12.1). As diferenças entre os dois grupos são mínimas também no que diz respeito à prática religiosa, apesar de os eleitores mais instáveis apresentarem uma maior distância da religião. Diferenças mais relevantes emergem em relação ao grau de escolaridade, uma variável que, como vimos, é crucial para a hipótese da «mobilização cognitiva». Os dados analisados parecem dar razão a este paradigma. De facto, os eleitores flutuantes mostram um elevado capital cultural em relação ao outro grupo, com cerca de 60% dos entrevistados com um grau superior ao ensino secundário. Este facto é reforçado pela maior presença de eleitores voláteis nas faixas etárias entre os 18 e 34 anos.

Em relação à situação ocupacional, o quadro emergente não permite chegar a conclusões unívocas, sobretudo no que diz respeito à distinção entre activos e não activos. Dentro deste grupo, nas eleições de 2005 os reformados parecem ter

Quadro 12.1 – O perfil do eleitorado volátil: as variáveis sociodemográficas (%)

	2005	
	Fiéis	Flutuantes
<b>Género</b>		
M	53,5	50,0
F	46,5	50,0
(N)	(1186)	(238)
<b>Idade</b>		
18-24	5,6	10,1
25-34	17,2	18,5
35-44	17,7	23,9
45-54	19,9	19,7
55+	39,7	27,7
(N)	(1186)	(238)
<b>Grau de escolaridade (completo ou incompleto)</b>		
Primário	33,8	21,3
Básico	19,7	20,4
Secundário	23,6	34,2
Superior	22,9	24,1
(N)	(1196)	(240)
<b>Situação profissional</b>		
Empregado	57,0	58,6
Desempregado	6,3	13,4
Estudante	3,5	2,9
Reformado	24,9	16,7
Doméstica	4,3	3,3
Outro	4,0	5,1
(N)	(1197)	(239)
<b>Frequência prática religiosa</b>		
Baixa	27,7	33,9
Média	32,8	32,1
Alta	39,4	33,9
(N)	(1150)	(230)
<b>Habitat</b>		
Rural	38,6	34,4
Semiurbano	28,7	25,7
Urbano	32,7	39,8
(N)	(1208)	(241)

contribuído para uma maior estabilidade eleitoral, enquanto no caso dos desempregados a tendência é contrária. Porém, a análise da variável *habitat* confirma a relativa indiferenciação entre o grupo de eleitores estáveis e voláteis, com uma

**Quadro 12.2 – Colocação ideológica do eleitorado flutuante nas eleições de 2002 e de 2005**

	2005	
	Fiéis	Flutuantes
<b>Interesse político</b>		
Médio-alto	68,9	68,6
Médio-baixo	31,1	31,4
(N)	(1201)	(239)
<b>Frequência com que discute política</b>		
Frequentemente	29,7	25,7
Ocasionalmente	47,7	48,5
Nunca	22,6	25,8
(N)	(1199)	(229)
<b>Interesse pela campanha</b>		
Médio-alto	70,0	71,7
Médio-baixo	30,0	38,3
(N)	(1202)	(240)
<b>Indecisão do voto</b>		
Indecisos	12,5	39,2
Decisos	87,5	60,8
(N)	(1192)	(240)
<b>Proximidade partidária</b>		
Sim	59,7	33,5
Não	40,3	66,5
(N)	(1189)	(239)
<b>Identificação com o líder</b>		
Sim	61,3	51,3
Não	38,7	48,7
(N)	(1144)	(224)
<b>Exposição ao meio televisivo</b>		
Alta	76,2	74,8
Média	13,0	16,0
Baixa	10,8	9,2
(N)	(1195)	(240)

maior probabilidade de encontrar eleitores flutuantes nas zonas mais urbanas em relação às áreas com baixa densidade populacional.

A análise do perfil sociodemográfico do eleitorado flutuante indica que as oscilações de voto são mais frequentes no eleitorado feminino, nos grupos sociais com um nível de educação mais alto, mais laicos e mais activos. Todavia, as diferenças entre os dois grupos são reduzidas, sendo portanto impossível confirmar através destes dados os diferentes paradigmas explicativos da

volatilidade individual. Apenas uma análise de longo período poderá esclarecer a direcção dos movimentos e as características do eleitorado volátil. Apesar de estes resultados se enquadrarem essencialmente no paradigma da mobilização cognitiva, é importante sublinhar que não há diferenças marcantes entre os dois grupos, ambos caracterizados por um perfil bastante heterogéneo do ponto de vista sócio-demográfico.

A análise das variáveis políticas contribui para esclarecer a natureza da mobilidade eleitoral. A primeira dimensão que é necessário examinar para evidenciar a ligação entre a estabilidade do voto e a integração política é o interesse em relação à política. Na análise bivariada esta variável não parece discriminar de forma significativa a mobilidade eleitoral (quadro 12.2). De facto, nas eleições de 2005 o interesse pela política apresenta percentagens praticamente idênticas nos dois grupos (68%). Este quadro é confirmado também por outro indicador baseado no interesse pela campanha. Também neste caso as diferenças entre o eleitorado com uma maior estabilidade das preferências partidárias e os eleitores mais voláteis não parecem particularmente relevantes.

Os valores da exposição aos meios de comunicação sugerem que o eleitorado flutuante não se distingue de forma significativa do eleitor médio pela procura de informação, apesar de ser um indivíduo mais indeciso que toma a decisão de voto tendencialmente durante a campanha.<sup>5</sup> Pelo contrário, as diferenças apresentam-se mais vincadas em relação à proximidade partidária. O impacto desta variável parece bastante óbvio, tendo em conta que os eleitores com uma identificação partidária forte têm normalmente uma tendência maior para manter as suas orientações eleitorais, manifestando por isso uma volatilidade mais reduzida. Isto não quer dizer, todavia, que os que se aproximam dos partidos não possam mudar de voto entre duas eleições sucessivas. Outra dimensão que apresenta variações relevantes diz respeito à indecisão dos eleitores. Geralmente o eleitorado estável forma a sua opção de voto muito antes do evento eleitoral, mas nem sempre acontece o contrário. De facto, como demonstram os valores nas eleições de 2005, uma parte consistente do eleitorado flutuante pode decidir mudar a escolha eleitoral muito tempo antes ou no período anterior à campanha eleitoral. Finalmente, uma variável que pode influenciar a volatilidade é a identificação com os líderes. Os dados mostram que os eleitores flutuantes se reconhecem em menor medida nos líderes em relação ao eleitorado mais estável, contrariamente às indicações que emergem das teorias sobre comportamento eleitoral, que sustentam uma forte influência das elites partidárias sobre a orientação do eleitorado volátil. A secção seguinte pretende explorar as

---

<sup>5</sup> No quadro são apresentados apenas os valores relativos ao meio televisivo que resulta ser o mais utilizado entre vários tipos de fontes de informação. Os dados para jornais e rádios apresentam a mesma tendência.

determinantes da volatilidade do eleitorado português através de uma análise multivariada que evidencie o impacto das diferentes dimensões consideradas.

## Os factores explicativos da mobilidade eleitoral

Para elaborar um modelo de explicação do voto dos eleitores instáveis introduziram-se variáveis sociodemográficas e políticas, enquanto a variável dependente é a volatilidade dos eleitores a nível individual nas eleições de 2002 e 2005. Para além das variáveis sócio-demográficas tradicionais (género, idade, educação, situação ocupacional, habitat, prática religiosa), é necessário esclarecer a lógica subjacente à selecção dos factores que dizem respeito às atitudes e aos comportamentos políticos.

Na análise da importância das variáveis da integração política no comportamento do eleitorado flutuante é necessário distinguir os factores de longo prazo das determinantes de curto prazo. O primeiro grupo inclui a identificação (ou proximidade) partidária e o posicionamento ideológico dos eleitores, factores que estão geralmente associados à estabilidade das preferências dos eleitores. A identificação partidária constitui um dos elementos principais utilizados para explicar as forças que bloqueiam a escolha dos eleitores, e age portanto como uma «âncora» do voto. Outra variável de longo prazo diz respeito ao posicionamento ideológico. Como vimos no começo deste estudo, no caso português a hipótese do eleitorado *marais* baseia-se no facto de o centro ideológico ser o espaço principal em que se verificam oscilações eleitorais. Por isso, construiu-se uma variável que mede a distância ideológica dos eleitores do centro. Quanto maior for a distância do centro na escala esquerda-direita, maior será a probabilidade de que os eleitores apresentem uma tendência estável da votação.<sup>6</sup>

Um outro bloco de variáveis diz respeito aos factores relativos ao envolvimento político. Para além do interesse geral pela política, inclui-se neste grupo também o interesse pela campanha eleitoral. As duas variáveis revelam a atitude dos eleitores de se relacionar com a esfera política, diferenciando neste caso o interesse de longo prazo do estímulo participativo que se verifica durante as campanhas eleitorais. Os estudos sobre os movimentos eleitorais evidenciam o impacto ambivalente destas variáveis em relação à predisposição cognitiva dos indivíduos e às escolhas de voto. Como vimos anteriormente, existem na literatura duas hipóteses distintas. Por um lado, os eleitores mais

---

<sup>6</sup> Procurou-se testar também a hipótese alternativa, pela qual seriam os cidadãos que não se identificam na escala ideológica tradicional (os que «não sabem» ou «não respondem») que apresentam uma maior volatilidade, mas os resultados demonstraram a irrelevância da incapacidade ou recusa dos eleitores de se colocarem no eixo esquerda-direita para explicar o fenómeno da volatilidade eleitoral.

interessados dispõem geralmente de maiores capacidades cognitivas, por isso podem avaliar melhor as características da oferta partidária e são mais livres de mudar o sentido de voto. Por outro, o contrário também resulta plausível, ou seja, os mais desinteressados podem ser influenciados mais facilmente por factores de curto prazo (conjuntura económica, imagem dos líderes, temas da campanha). Esta é a interpretação que emerge da análise empírica dos casos italiano e francês, em que o eleitorado flutuante se mostra geralmente mais desinteressado em relação às questões políticas (Barisione 2001).

Um lugar destacado ocupa o papel da informação na influência sobre o voto. Normalmente, é opinião comum que os meios de comunicação exercem uma grande influência sobre os eleitores, sobretudo os que decidem o seu sentido de voto durante a campanha e os que apresentam uma maior «disponibilidade» para a oscilação eleitoral. De facto, as fontes de informação tendem a enfraquecer as lealdades partidárias e estimulam os movimentos dos eleitores através da difusão de mensagens diversificadas e da importância atribuída aos factores conjunturais.

Vários autores evidenciaram como os eleitores voláteis estão associados a níveis intermédios de exposição aos *media* (Converse 1962; Zaller 1992). Este fenómeno baseia-se no facto de a mudança de opinião – e das preferências eleitorais – ser dependente não apenas da quantidade de mensagens recebidas pelas fontes de informação, mas também da capacidade dos indivíduos para aceitarem os sinais externos. Isto significa que os eleitores que recebem um nível de informação elevado geralmente apresentam também um grau maior de interesse pela política. Aumenta, por isso, o nível de sofisticação dos eleitores, consolidando as crenças e opiniões e reforçando assim simultaneamente as barreiras em relação à probabilidade de mudar o sentido de voto. Os eleitores mais apáticos, por outro lado, ou seja, os que apresentam um nível menor de exposição aos meios de comunicação têm uma tendência maior para basear as suas opções de voto em símbolos ou afectos. Por isso, os eleitores com um nível médio de exposição aos meios de informação caracterizam-se por um alinhamento partidário mais instável.

Esta dimensão associa-se também ao nível de «conhecimento político» dos indivíduos. Como sublinha a teoria da mobilização cognitiva, nas últimas décadas os eleitores dispõem de maiores recursos para adquirir informações sobre a política, aumentando o nível de consciência (*awareness*) sobre as suas escolhas de voto. Por isso, segundo este paradigma, um maior conhecimento relaciona-se directamente com a maior propensão em mudar o sentido de voto e assumir uma atitude mais crítica e instável em relação às diferentes forças políticas.

O grupo de variáveis políticas de curto prazo considera como factores relevantes o desempenho do Governo, a avaliação do partido votado e a identificação – ou simpatia – pelo líder. Como sublinha Converse (1962), estes

factores podem ter um carácter de reforço das lealdades partidárias ou de erosão, aumentando assim o nível de volatilidade eleitoral. Por isso é importante explorar a interdependência dos factores heurísticos e os elementos de curto prazo, podendo assumir um carácter cognitivo (baseado na razão) ou afectivo (Sniderman *et al.* 1991).

Depois de ter apresentado a selecção das variáveis e as hipóteses teóricas, analisarei a importância das determinantes da volatilidade através da regressão logística para as eleições legislativas de 2002 e 2005. O quadro 12.3 apresenta os coeficientes betas e as estatísticas Wald associados às variáveis sócio-demográficas e políticas, tendo como variável dependente a volatilidade a nível individual.<sup>7</sup>

Em primeiro lugar é necessário sublinhar que, apesar de as variâncias explicadas do modelo serem relativamente baixas, a introdução das variáveis políticas de longo e curto prazo constitui um incremento significativo na capacidade explicativa do fenómeno da volatilidade. Em geral, o modelo elaborado apresenta uma maior capacidade explicativa nas eleições de 2002 do que nas eleições sucessivas. Na comparação entre as duas eleições legislativas é possível destacar algumas semelhanças interessantes. Em particular, nenhuma das variáveis sócio-demográficas aparece estritamente ligada à flutuação dos eleitores na análise multivariada. Este primeiro resultado não deve surpreender, pois se enquadra fundamentalmente nas conclusões muitas vezes sublinhadas em relação aos estudos sobre o comportamento eleitoral em Portugal (Gunther e Montero 2001; Freire, Costa Lobo, e Magalhães 2004). Confirma-se a escassa importância das tradicionais clivagens para explicar o sentido de voto dos eleitores e a heterogeneidade do eleitorado.<sup>8</sup> Neste sentido, não há grandes diferenças em termos de características sociais entre o eleitorado estável e os eleitores mais voláteis.

Em segundo lugar, os resultados da análise multivariada sublinham a importância dos factores políticos. As duas variáveis que resultam mais associadas à volatilidade eleitoral são a proximidade partidária e os factores de curto prazo. O primeiro aspecto sublinha uma dimensão importante das atitudes políticas que sugere o carácter ideológico da volatilidade através da identificação partidária. Como demonstram as estatísticas de Wald, nas duas eleições consideradas esta dimensão é o preditor mais importante para explicar o fenómeno da volatilidade eleitoral. Neste sentido, os resultados parecem confirmar as indicações do modelo sócio-psicológico, em que a identificação

---

<sup>7</sup> A regressão logística utiliza o método *enter*, introduzindo quatro blocos de variáveis. Os resultados foram confirmados também através de uma análise discriminante, o método utilizado por Chaffé e Rimal (1996) e Tóka (1998) para analisar o mesmo fenómeno.

<sup>8</sup> A análise realizada por Tóka (1998) sobre a volatilidade individual nos países da Europa de Leste apresenta resultados semelhantes.

**Quadro 12.3 – Modelo de regressão logística para a volatilidade eleitoral nas eleições de 2002 e de 2005**

Variáveis independentes	2002		2005	
	B	Wald	B	Wald
<b>Bloco 1</b>				
Género	-0,910 (0,202)	0,648	1,973 0,103	0,065
Idade	0,206 (0,081)	(0,273)	0,566 1,197	0,088
Educação	0,162 (0,049)	(0,173)	0,880 0,329	-0,028
Situação profissional	-0,517 (0,231)	(0,691)	0,560 0,357	0,138
Religião	-0,061 (0,057)	(0,178)	0,118 2,451	0,090
Habitat	-0,057 (0,118)	(0,096)	0,353 2,696	0,194
<i>Nagelkerke R<sup>2</sup></i>	<i>0,069</i>		<i>0,023</i>	
<b>Bloco 2</b>				
Distância do centro	-0,427* (0,063)	(0,247)	2,993 0,481	0,044
Proximidade a partido político	-1,656** (0,202)	(0,696)	5,651 27,022	-1,051***
<i>Nagelkerke R<sup>2</sup></i>	<i>0,150</i>		<i>0,084</i>	
<b>Bloco 3</b>				
Interesse pela política	0,152 (0,149)	(0,494)	0,094 0,296	-0,081
Interesse pela campanha eleitoral	-0,069 (0,123)	(0,404)	0,029 1,547	0,153
Conhecimento político	-0,283 (0,254)	(0,510)	0,308 2,410	0,395
Exposição aos <i>media</i>	0,315** (0,040)	(0,154)	4,179 0,314	-0,023
<i>Nagelkerke R<sup>2</sup></i>	<i>0,253</i>		<i>0,094</i>	
<b>Bloco 4</b>				
Avaliação geral do desempenho do Governo	-0,178 (0,327)	(0,534)	0,111 6,242	-0,817**
Avaliação geral do partido votado	-1,277** (0,004)	(0,572)	4,971 0,521	-0,003
Avaliação do líder do partido votado	-0,135 (0,007)	(0,188)	0,516 0,084	0,002
<i>Cox &amp; Nell R<sup>2</sup></i>	<i>0,223</i>		<i>0,065</i>	–
<i>Nagelkerke R<sup>2</sup></i>	<i>0,327</i>		<i>0,109</i>	–
(N válido)	(684)		(1424)	

Notas: \* $p < 0,1$ ; \*\* $p < 0,05$ ; \*\*\* $p < 0,01$ . As células dos coeficientes betas incluem também os erros *standard* (entre parênteses).

1. A variável «conhecimento político» foi construída a partir das perguntas sobre actualidade política.
2. A exposição aos meios de comunicação foi calculada através da frequência da exposição à televisão, jornais e rádio declarada pelo entrevistado. O índice construído varia entre 1, que corresponde à exposição máxima, e 10.

partidária surge como um elemento fundamental para manter a estabilidade eleitoral. Contudo, há também aspectos de curto prazo que se revelam extremamente importantes. Neste sentido, a avaliação do desempenho do Governo e do partido reflectem uma componente mais estritamente conjuntural e de protesto que leva os eleitores a mudar o sentido de voto entre duas eleições sucessivas. A maior mobilidade dos eleitores associa-se portanto à apreciação e ao critério de eficiência em relação aos agentes políticos. A oscilação das preferências eleitorais assume um aspecto de descontentamento em relação ao partido anteriormente votado que leva os indivíduos a escolher outro partido.

Os resultados da regressão logística para as eleições de 2005 confirmam a importância das duas componentes para explicar a volatilidade eleitoral. Contudo, o factor de curto prazo neste caso refere-se não ao partido votado anteriormente mas à apreciação do Governo. Estes dados parecem sugerir que o descontentamento em relação ao Governo de centro-direita liderado por Santana Lopes foi um factor importante para incentivar os eleitores à mudança das suas preferências partidárias. No entanto, a proximidade aos partidos confirma-se como o factor mais importante, que age como um estabilizador das escolhas eleitorais. Em geral, nestas eleições o modelo afigura-se bastante fraco, facto que remete para a necessidade de especificar os factores que influenciam a mobilidade eleitoral.

Estes resultados indicam que o fenómeno da volatilidade não constitui um comportamento socialmente determinado e não está associado apenas a factores de longo prazo. A análise dos resultados das eleições de 2002 evidencia outros factores que contribuem para esclarecer as determinantes da volatilidade eleitoral. Em primeiro lugar, a exposição aos meios de comunicação apresenta uma estatística de Wald bastante elevada. Se bem que estatisticamente menos significativa, a distância do centro aparece também como um factor relevante nestas eleições. Neste caso, o coeficiente beta negativo indica que uma maior distância do centro teve o efeito de estimular a mobilidade eleitoral. Nestas eleições a componente ideológica parece ter exercido uma influência maior na mudança de voto dos eleitores em relação às eleições de 2005, provavelmente pela maior apatia e desmobilização dos eleitores que, perante líderes e partidos relativamente pouco populares, recorreram a mecanismos heurísticos para a sua opção de voto.

Em geral, a análise multivariada sugere que os preditores mais importantes da volatilidade a nível individual baseiam-se nas variáveis políticas mais do que nas determinantes sócio-demográficas. A tendência para mudar de preferência de voto não depende do nível de educação, da situação profissional ou da religião, mas da atitude dos indivíduos em relação aos partidos e da avaliação sobre o comportamento do partido votado nas últimas eleições. Em geral, estes resultados reflectem as considerações de Converse (1962), segundo as quais a orientação partidária é um elemento que conduz à estabilidade elei-

toral excepto quando factores de curto prazo entram na avaliação dos eleitores para favorecerem a mudança das opções de voto. É possível portanto hipotizar a existência de diferentes formas de volatilidade (e estabilidade) eleitoral a nível individual. Ao lado das lealdades partidárias, há factores de curto prazo, nomeadamente a avaliação do desempenho dos actores políticos, que mostram uma importância crucial em estimular a mobilidade. É importante sublinhar que a ponderação da escolha de voto é feita não apenas através de elementos simbólicos ou afectivos, mas também através da apreciação – mais ou menos racional – sobre a conjuntura política, facto se reflecte na forte correlação entre indecisão e volatilidade individual (coeficiente  $\tau_{a-b}=0,28$ ,  $p<0,01$ ). Impõe-se, portanto, a necessidade de investigar melhor a influência destes elementos sobre a flutuação eleitoral, assim como os mecanismos de tipo cognitivo ou afectivo que estão na base das flutuações dos eleitorados.

## Conclusões

A análise da volatilidade a nível individual contribui para esclarecer alguns aspectos importantes do comportamento eleitoral dos Portugueses. Os dados analisados evidenciam, em primeiro lugar, que o universo dos eleitores «disponíveis», assim como a quantidade de eleitores que optou por mudar as preferências de voto entre uma eleição e outra, tem aumentado de forma gradual sobretudo a partir do realinhamento que se verificou nos meados dos anos 80. Na prática, esta maior volatilidade a nível individual significa que houve uma expansão do mercado eleitoral, aumentando assim a possibilidade para os partidos de conquistarem e converterem um número mais amplo de eleitores. A análise das eleições em 2002 e 2005 revela que esta mobilidade afectou sobretudo o eleitorado central, confirmando assim a importância da transferência de votos entre os dois blocos do espectro ideológico.

A segunda questão central deste trabalho era analisar as características do eleitorado volátil em contraposição aos eleitores «estáveis», quer em termos de variáveis sócio-demográficas quer em relação às atitudes e aos comportamentos políticos. A análise bivariada sugeriu a maior disponibilidade de capital social e cultural do eleitorado volátil sobretudo através de um maior nível educacional. Contudo, as diferenças nas características de integração social dos dois grupos relevaram-se em grande medida insignificantes para explicar o fenómeno da mobilidade eleitoral. A análise multivariada aponta principalmente dois factores que agem no sentido de incentivar ou bloquear a «conversão» dos eleitores. Em primeiro lugar, a identificação partidária, que constitui uma dimensão estruturante para a estabilidade eleitoral; em segundo lugar, a avaliação do partido votado e do governo cessante, ou seja, factores políticos de curto prazo. É a insatisfação e o descontentamento em relação aos

actores políticos a variável que mais parece positivamente associada ao aumento da flutuação eleitoral.

A análise do caso português evidencia a multidimensionalidade do conceito de volatilidade a nível individual. Por um lado, a importância das «forças psicológicas» – no sentido do *american voter* – como factor de estabilização das escolhas eleitorais manifesta-se através do efeito da identificação partidária. A orientação em relação a um determinado partido político parece um elemento importante na ancoragem das preferências de voto entre duas eleições sucessivas. Por outro, este trabalho revela que a instabilidade eleitoral é um fenómeno conjuntural, dependendo de factores de curto prazo que reflectem as características do contexto político do momento. Em particular, mais do que o efeito das campanhas eleitorais – como, por exemplo, a exposição aos meios de comunicação e o nível de conhecimento –, os eleitores são susceptíveis de mudar as suas preferências através da avaliação dos partidos e do Governo. Estas considerações evidenciam a oportunidade de redimensionar a importância do envolvimento político dos eleitores e a necessidade de elaborar paradigmas teóricos que possam combinar (e complementar) a abordagem sócio-psicológica e da mobilização cognitiva.

## Referências bibliográficas

- Barisione, Mauro. 2001. Elettori indecisi, elettori fluttuanti: che volto hanno i «bilancieri» del voto? I casi italiano e francese. *Rivista Italiana di Scienza Politica* xxxi (1): 73-108.
- Bartolini, Stefano. 1986. La volatilità elettorale. *Rivista Italiana di Scienza Politica* xvi (3): 363-400.
- Bartolini, Stefano, e Peter Mair. 1990. *Identity, competition, and electoral availability*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Campbell, Angus, Philip E. Converse, Warren E. Miller, e Donald E. Stokes. 1960. *The American voter*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- Chaffee, Steven H., e Rajiv Nath Rimal. 1996. Time of vote decision and openness to persuasion. In *Political persuasion and attitude change*, orgs. Diana C. Mutz, Paul M. Sniderman, e Richard A. Brody, 267-292. Ann Arbor: Michigan Univ. Press.
- Converse, Philip E. 1962. Information flow and the stability of partisan attitudes. *The Public Opinion Quarterly* 26 (4): 578-599.
- Converse, Philip E. 1964. The nature of belief systems in mass publics. In *Ideology and discontent*, org. David E. Apter. Nova Iorque: Free Press of Glencoe.
- Crewe, Ivor, e David, Denver, orgs. 1985. *Electoral change in western democracies: patterns and sources of electoral volatility*. Beckenham: Croom Helm.
- Dalton, Russell J. 1984. Cognitive mobilization and partisan dealignment in advanced industrial democracies. *Journal of Politics* 46 (1): 264-284.
- Dalton, Russell J., Scott C. Flanagan, e Paul A. Beck, orgs. 1984. *Electoral change in advanced industrial democracies*. Princeton: Princeton Univ. Press.
- Dalton, Russell J., Ian Mcallister, e Martin Wattenberg. 2002. Political parties and their publics. In *Political parties in the new Europe*, orgs. Kurt R. Luther, e Ferdinand Müller-Rommel. Oxford: Oxford Univ. Press.

- Freire, André, Marina Costa Lobo, e Pedro Magalhães, orgs. 2004. *Portugal a votos. As eleições legislativas de 2002*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Freire, André, Marina Costa Lobo, Pedro Magalhães, e Ana Espírito-Santo, orgs. 2005. *Comportamentos e atitudes políticas 1973-2002*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Gunther, Richard. 2004. As eleições portuguesas em perspectiva comparada: Partidos e comportamento eleitoral na Europa do Sul. In Freire, Costa Lobo, e Magalhães 2004.
- Gunther, Richard e José Ramón Montero. 2001. The anchors of partisanship. In *Parties, politics, and democracy in the new Southern Europe*, orgs. N. P. Diamandorous, e Richard Gunther. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press.
- Inglehart, Ronald. 1977. *The silent revolution. Changing values and political styles among Western publics*. Princeton: Princeton Univ. Press.
- Jalali, Carlos. 2004. As mesmas clivagens de sempre? Velhas clivagens e novos valores no comportamento eleitoral português. In Freire, Costa Lobo, e Magalhães 2004.
- Jalali, Carlos. 2007. Velhas clivagens em novas democracias: a consolidação do comportamento eleitoral português desde 1974. In *Eleições e cultura política*, orgs. André Freire, Marina Costa Lobo, e Pedro Magalhães. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Sniderman, Paul M., Richard A. Brody, e Philip E. Tetlock. 1991. *Reasoning and choice. Explorations in political psychology*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- Tóka, Gábor. 1998. Party appeals and voter loyalty in new democracies. *Political Studies* XLVI: 589-610.
- Zaller, John R. 1992. *The nature and origins of mass opinion*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.